



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O CAMPIÃO

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ

O Mário é um valente. Poucos homens haverá que o igualem em coragem e audácia.

Vou contar aos meus amiguinhos uma das suas proezas. Querem ouvir?

Tem apenas 12 anos. Freqüenta o 2.º ano dos Liceus. Há tempos, um companheiro mais novo, criança fraca e raquítica, andava a brincar, com uma bola no corredor, de sociedade com outros rapazes. O Mário, um pouco afastado dos jogadores, entretenha-se a observá-los. A certa altura, apareceu um rapaz do 7.º ano, alto, forte, espadaúdo.

— Eh rapaziada! — gritou êle — isto aqui é campo de foot-ball ?»



— «E você tem alguma coisa com isso? O continuo já viu e não ralhou!...» — respondeu, mal humorado, o tal pequeno fraquinho, companheiro do Mário.

O do 7.º ano não gostou da resposta. E correndo para o rapazito, agarrou-o pelas orelhas e, com tôda a alma, desatou aos pontapés ao desgraçado.

Então o Mário, enfurecido, avança para o rapaz grande e, sem receio do seu tamanho e da sua força, atira-se a êle como um danado.

Trás!... Trás!... Catrapaz!...

Os sôcos chovem; fervilham os pontapés. O do 7.º ano, surpreendido a princípio com o ataque dum pequeno muito mais novo, tenta defender-se. Mas o Mário, jogador de *box* em ponto pequeno, sabe evitar-lhe os golpes.

O resto da rapaziada rodeia os dois contendores, gritando entusiasmada:

— «Chega-lhe!... Chega-lhe!... Aí, valente Mário!... Dá poucas nesse matulão!...»

O Mário resolve acabar a luta com um golpe decisivo. E, tomando balanço, atira tamanho sôco ao nariz do grandalhão, que lhe faz espirrar o sangue. Então, no meio das gargalhadas e dos assobios tro-

cistas dos assistentes, o do 7.º ano desata a gritar:

— «Ai meu rico nariz!... Ai!... Ai!...»

Acodem alguns contínuos. Levam os dois rapazes ao reitor.

Êste, muito severo, interroga primeiro o mais velho:

— «Que foi isto? Porque é que vocês se bateram?»

— «Não fui eu, senhor reitor, — grita o matulão. — Foi êle que me bateu sem eu lhe fazer mal!...»

— «Isto é verdade, Mário?» — perguntou o reitor, carregando o sobrolho.

— «E', sim senhor. Êle a mim não me fez mal...»

— «Então, porque lhe bateu?... Vá!... Responda!...»

— «Não tenho mais nada a declarar. Êle, se quiser, que diga o motivo. Eu não acuso colegas!...»

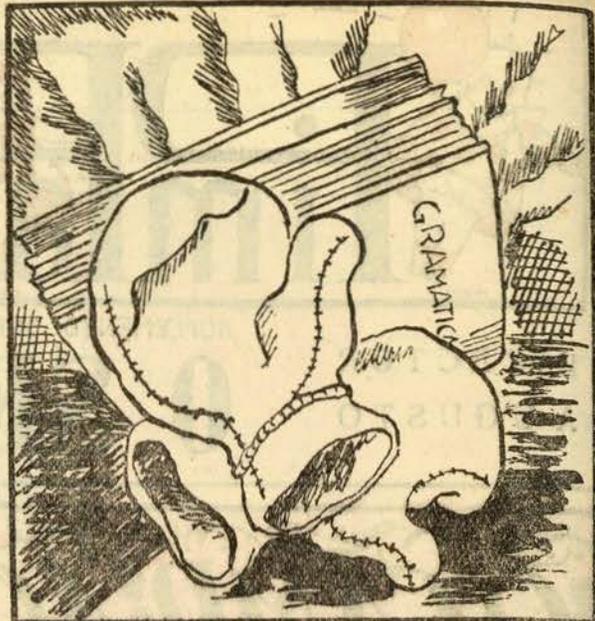
— «Não fiz nada, já disse!...» — tornou a gritar o do 7.º ano».

O reitor, então, voltou-se para o Mário:

— «Bom. Visto que você não quiere dizer o motivo porque bateu, vejo-me obrigado a tratá-lo como desordeiro. Terá uma suspensão de 8 dias com registo na caderneta escolar...»

Mário pôs-se muito vermelho, curvou a cabeça, as lágrimas assomaram-lhe aos olhos, mas não disse uma palavra.

Então, de entre os rapazes que à porta da reitoria esperavam a sentença, adiantou-se o pequeno a quem o do 7.º ano batera.



— «Senhor reitor!... Senhor reitor!... Isso é uma injustiça!...»

— «Anh? — indagou o reitor, surpreendido com o atrevimento. — Que dizes?»

— «Desculpe, mas é uma injustiça. O Mário bateu neste rapaz porque êle me estava a bater a mim!... Se não acredita, pergunte a todos êsses colegas que estão à porta.»

— «E' verdade! E' verdade!...» — gritou toda a rapaziada.

— «Conta o caso!...» — ordenou o reitor ao pequenito.

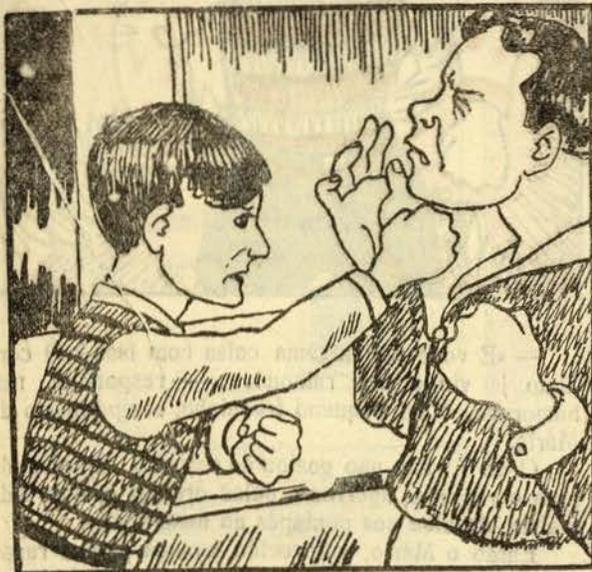
O pequeno contou tudo. E ao acabar, o reitor, comovido, dirigiu-se ao Mário e estendeu-lhe a mão:

— «Você é um homem. Um homem de caracter. Pode retirar-se e desculpe as minhas palavras de há pouco. Quanto a você — e voltou-se para o do 7.º ano — cobarde, três vezes cobarde, é castigado com trinta dias de suspensão. Desapareça da minha vista!...»

*
*
*

Desde êsse dia Mário passou a ser conhecido por «Campeão da miudagem.»

■ F I M ■



Está á venda o livro

AS 4 IDADES

PEÇA RADIOFÓNICA NUM ACTO, EM VERSO DE

AUGUSTO DE SANTA-RITA e que a Editorial-Seculo pôs á venda

PEDIDOS A' ADMINISTRAÇÃO D'«O SÉCULO»

PREÇO ESCUDOS 2\$50

GRANDE LIÇÃO

POR LAURA CHAVES

NAQUELE ano a laranjeira,
a mais nova do pomar,
carregou de tal maneira
que estava mesmo a vergar.

Nem se lhe via a folhagem,
tanta laranja ela tinha,
mas não faltava a coragem
à laranjeira novinha.

Adorava as suas filhas
com apaixonado amor,
essas lindas maravilhas
a que o sol empresta a côr.

Assim, cheias de beleza,
essas laranjinhas de oiro,
eram a sua riqueza,
o seu bem, o seu tesoiro,

Cuidava-as com mil cautelas,
sempre numa ralação,
não caísse alguma delas
e lha apanhassem do chão!

Por baixo da laranjeira,
junto com erva e com feno,
tufo de ortiga rasteira
tapavam todo o terreno.

Uma tarde, até estremeço!
— coisas que o demónio arranja —
o vento, num arremêço,
arrancou uma laranja

que às ortigas foi parar,
ao tufo que ali havia,
e começou a chorar
numa grande berraria.

A mãe laranjeira, então,
tôda a tremer, coitadinha,
preguntou, numa aflição,
— Fizeste-te mal, filhinha? —

— Apanhei um grande tombo! —
diz a laranja danada,
— e tenho o meu rico lombo
mais moído que salada.—

Acrescentou, choramingas:
— Antes caísse nos fenos
que nas malditas ortigas,
tinha-me magoado menos!...

Sempre sou muito infeliz!
Ai! que desdita tamanha!
Se passa agora um petiz
com certeza que me apanha.

E foi mesmo, mesmo assim,
porque, nessa ocasião,
passou ali o Joaquim,
afilhado do abegão,

que vendo a bela laranja
tanto à mão de semear,
gritou contente: — Isto é canja!
Ao meu papo vai parar!

Curvou-se para apanhá-la
mas... Cruzes! Canhoto! Figas!
teve logo de largá-la,
picado pelas ortigas,

Os pés, as mãos do pateta
e as pernas, té ao Joelhos,
ficaram como baeta
cheias de vergões vermelhos.



Continua

na

página 7

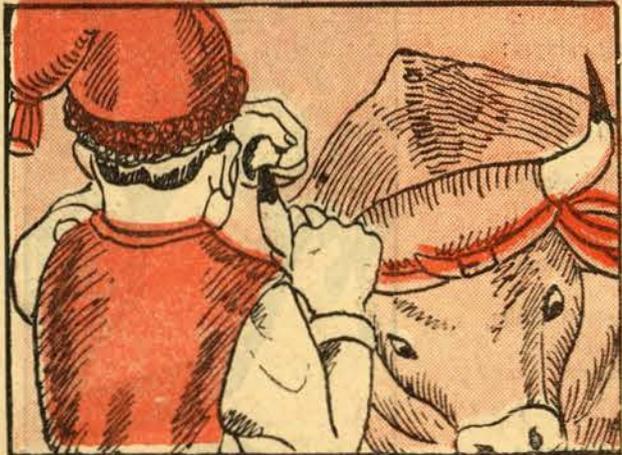
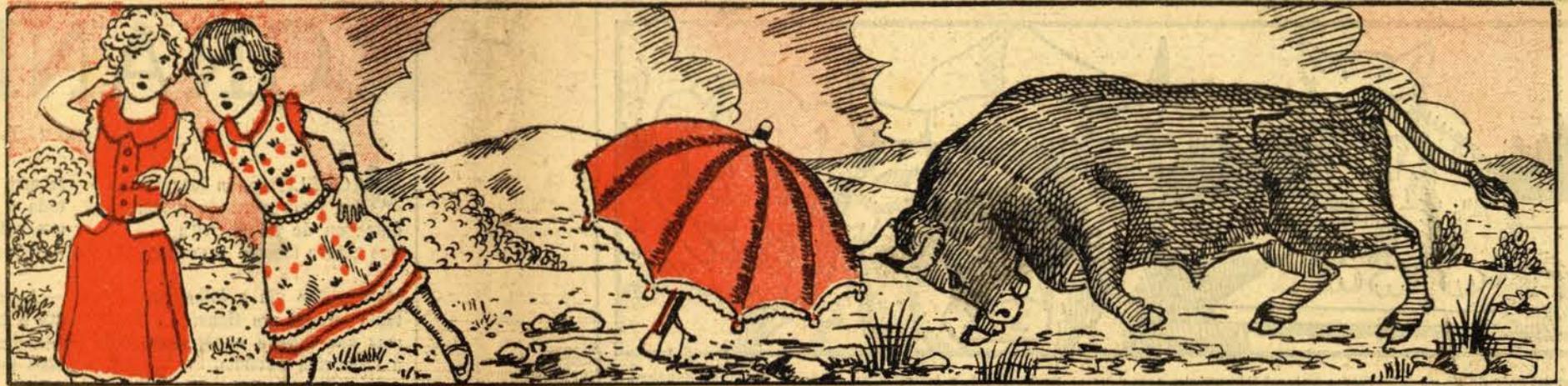
A ANIMAIS DOMESTICOS

■ Por ANÃO SABICHÃO ■

OS meninos trocistas, que de tudo fazem troca, nem calculam os inconvenientes que, muitas vezes, podem resultar de certas graças, um nadinha pesadas!

Foi com a amiga Luizinha e a sua mana Tereza, — uma dessas engraçadas, sempre prontas a rir de tudo e de todos — que o caso, que vou contar-lhes, sucedeu.

Este Anão que a tudo assistiu e não quis intervir na história, para que as duas rapariguinhas sofressem um bom



castigo pela sua maldade que, afinal, não é mais do que sinal de má educação!

Estavam elas a passar um tempo numa aldeola, aí para os lados do ribatejo, quando, um dia, a Luizinha, piscando o olho à irmã, com um ar maganão, disse:

— Tenho cá uma ideia que hoje nos vamos divertir, à custa destes papalvos que vivem aqui! Tu vais ver o que eu vou magicar!

Segredou qualquer coisa, ao ouvido da Tereza e esta riu muito.

Daí a pouco, sentadas na varanda da casa, viram o criado dum lavrador vizinho que tratava de embolar um touro bravo, para que ele não fizesse mal com os seus paus.

Logo a Luizinha se debruçou e perguntou-lhe:

— Olá, ó amigo, que estás tu aí a fazer?

— A menina não vê? Estou a embolar este touro que é bravo como o demónio!

A pequena fez um gesto de desprezo.

— Com que então, não lêste os jornais de hoje, heim?

— Aqui, na terra, só o só padre Aniceto mais o Joaquim Tendeiro é que os mercam.

— Pois se os tivesses lido, não estavas com esse trabalho todo?

— Agora já não pode ser! O carteiro que os trás passou de manhazinha. Só na vila é que os há!

Vou-te dizer do que se trata. A pedido de muitas pessoas amigas dos animais, foi aprovada uma lei que diz que o Touro é um animal doméstico. Percebeste?

— Percebo que não percebo nada! Doméstico sou eu, mais a minha Zefa que serve em casa do senhor regedor. Mas agora este bicho, com o devido respeito, é o gado mais bravo da terra!

— Até aqui, era — dizia muito espantada a Tereza, para ajudar a irmã, que fungava de riso — mas agora é tão doméstico como tu e a tua mulher. E' obrigado a obedecer a tudo o que lhe mandam. Basta que tu lhe digas qual é o seu trabalho para o bicho desatar logo a fazê-lo.

— O trabalho que ele faz é mastigar erva, pular, correr pelos campos e dormir às suas horas! — resmungou, desconfiado, o

campónio. — E vem vocemecê dizer-me que o animal faz agora tudo o que lhe dizemos!...

— Pois se é da lei!

— E o touro sabe o que é lei?

— Já se vê que sim! A lei é para todos. Olha, queres ver? E Joana estendeu o jornal ao maloto que esbugalhou os olhos, muito espantado e gaguejou:

— Eu nan sei ler, mas se as meninas dizem que isso vem nos papéis, é porque é verdade! Cá por mim, até me convinha! Enquanto o animal andasse por aí, à solta, eu ia ali à taberna do Zé Zorolho passar um bocadinho da tarde!

Podes ir descansado! — acudiu a Luizinha.

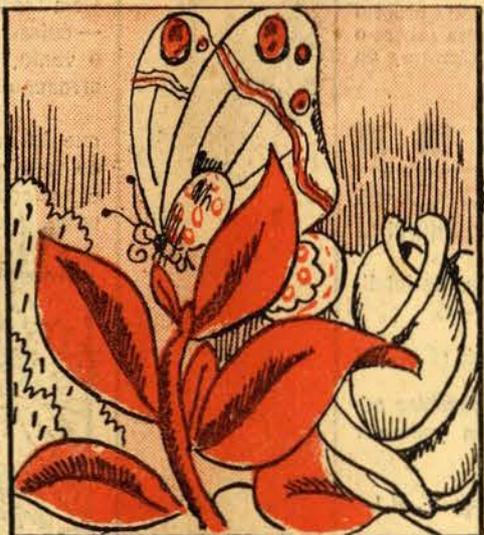
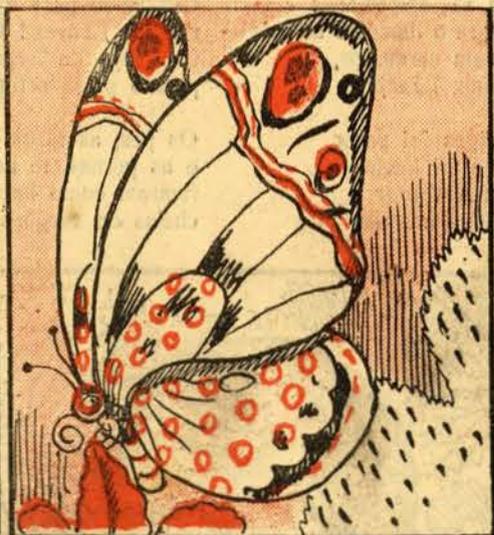
Vou ler-te o que aqui está escrito.

E inventou uma passagem do jornal, onde se dizia que o touro ficaria agora a ser como os gatos, os cães e, como tal, não se deviam matar senão por doença.

O homenzinho escutou, com toda a atenção, e, por fim, balbuciou, ainda hesitante:

— Então, as meninas acham que não devo embolar o bicho?

A BORBOLETA VAIDOSA E O MENINO MAU



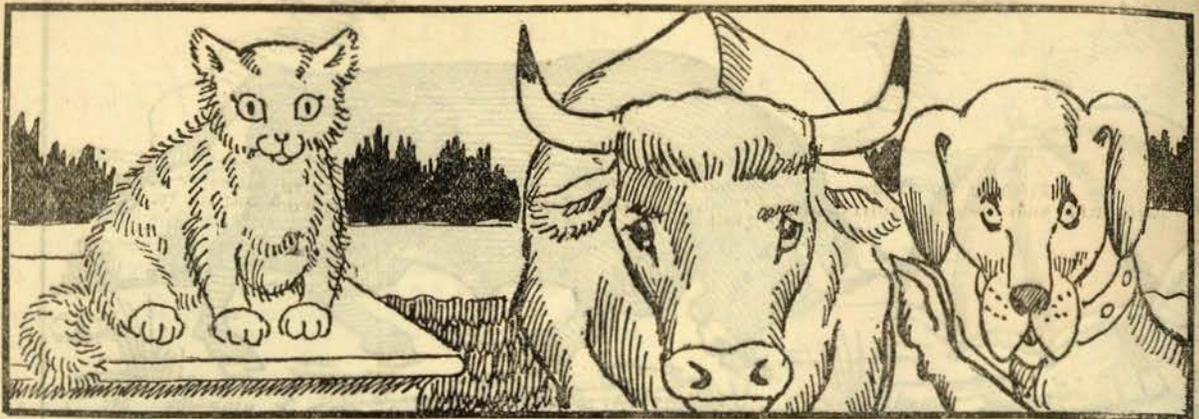
Sobre uma orquídea, leitor, poisou uma borboleta que era tal qual uma flor. Vaidosa, por ser tão bela, pôs-se a dizer — a pateta! — que era mais linda do que ela!

«Que era uma vivinha flor...» a toda a gente ela ouvia. E a prova que era um primor iria dar: — Num arbusto poisaria e fingiria que era uma flor de alto custo.

Quando, já sobre um raminho, estava muito quieta, aparece um rapazinho que, ao vê-la, murmura à toa: — «Oh que linda borboleta! Vou caçá-la!...» E apanhou-a.

O pequeno que, em verdade, era de mau coração, teve a grande crueldade de matar a mariposa; pois fazia colecção de insectos de asa vistosa.

Este conto, meu menino, vem provar esta verdade: — Ninguém fuja ao seu Destino nem mais formoso se diga, porque é feio ter vaidade e a Natureza castiga.



Eu posso sair de ao pé dele, que o animal fica quieto, como um borrego?

— Podes mandar o touro sózinho para os campos. Está aqui escrito que ele se tornou um animal doméstico!...

— Está bem de ver que é verdade!... — rematou o homenzinho. — Em todo o caso, vou pô-lo num sítio longe não dê o patrão por isso!

E, muito satisfeito por se poder ver livre do animal, saltou-o no campo e dirigiu-se para a tabernária.

Ao vê-lo desaparecer, as duas irmãs riram, riram, como maluquinhas, por terem pregado partida tão divertida!

Dáí a bocado, lembraram-se de ir dar uma volta e, pegando nas sombrinhas, por causa do sol que esquentava saíram a passear.

De repente, ouviram perto patas dum animal, a galope.

Voltaram-se e deram um grito de susto!

A alguns metros de distância, o touro, o animal doméstico, corria como doido, perseguindo a sombrinha escarlate da Luizinha.

O bicho rugia, cheio de ferocidade, a-pesar do seu novo título de animal doméstico!

— Larga a sombrinha! — gritou Joana, para a irmã, numa voz de terror.

Luizinha atirou para longe a sombrinha encarnada, que caiu perto do touro.

Foi essa ideia providencial que as salvou!

O animal, furioso, lançou-se sobre a sombrinha, espelinhou-a, amachucou-a e desatou depois a correr, levando-a presa nos paus.

Assim, perdeu de vista as duas levianas que fugiam para o lado contrário, apavoradas!

Entretanto, o taberneiro a quem o criado contara a história, fez-lhe ver como se haviam divertido à sua custa, e o homenzinho caiu em si, tratando logo de ir à procura do touro que sabia tão temível!

Depois de muitos esforços, ajudado pelos outros moços da herdade, conseguiu dominar o feroz animal e fechou-o na estrebaria.

Ao passar em frente da casa das trocistas, avistou-as à porta, ainda muito trémulas e pálidas do formidável susto que haviam apanhado!

Jurando, de si para si, que havia de as obrigar a pagar os prejuizos que o touro fizera nos campos semeados, atirou-lhes, de longe, a sombrinha esfarrapada e gritou-lhes, com um sorriso cedenhoso:

— Lá, no jornal, também vinha isto escrito?

Vermelhas de vergonha, as duas irmãs fecharam-se em casa, mas, ali mesmo, durante muitos dias, ouviram os ralhos dos pais, que, ao facto do que sucedera, as castigaram, vexadíssimas com o procedimento das filhas.

Mas as manas trocistas não mais se divertiram a inventar partidas de conseqüências tão desastrosas!

Serviu-lhes de emenda aquela lição que lhes podia ter custado a vida!

Gostei de lhes narrar esta história porque, quem sabe se entre os meus leitorzinhos, algum haverá com tendência para troças de mau gosto!

Devem ter muito cuidado!

O riso trocista quasi sempre fere alguém, ou o próprio trocista, porque muitas vezes o feitiço se volta contra o feitiçeiro, como aconteceu neste caso da Luizinha e da Joana.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

CONCURSOS CHARADÍSTICOS

ENIGMA

(em verso)

- 12) Com duas letras,
Mas não vogais,
Um bom governo
Decerto achais.

Portalegre — Sir Mistério

CHARADAS NOVÍSSIMAS

- 1) No varal da carruagem vi clari-
dade. Aproximei-me e encontrei um
pirilampo — 2-1

Montemor - o - Velho — John Bliffe

- 2) O nosso recurso foi estar um teci-
do finíssimo no lugar por onde se
entra no navio — 2-1

Paços de Brandão — Ocsav (T. C. B.)

- 3) Uma pessoa de grande duração
devia ter vontade de viver eterna-
mente — 4-2

Paços de Brandão — Nérito (T. C. B.)

SINCOPADAS

- 4) Está bem feito êsse «fato» — 5

Lisboa — Hary (T. M.)

- (c. c. c.) 5) O homem de bravura demonstra

bem as pequenas noções de inteli-
gência que o dominam — 5

Paços de Brandão — Justa (T. C. B.)

- 6) Numa associação de famílias nô-
madas qualquer homem pode ser
chefe — 5

Lisboa — Leirbag (T. M.)

- 7) Estava o tempo húmido quando
entrei no bosque — 5

Lisboa — Veiga (T. E. L.)

- 8) O sussurro que ouviste é produzido
pelas águas do braço de mar — 5

Paços de Brandão — Zé Agá (T. C. B.)

O CESTINHO da COSTURA

POR

ABELHA MESTRA

Querida Elsa:

Mais um «napperon» para enriquecer a nossa colecção!

Depois de pronto e recortado, verás como fica muito original. Essas fôlhas inteiramente destacadas, dão-lhe um aspecto bastante engraçado.

E sabes Elsa?

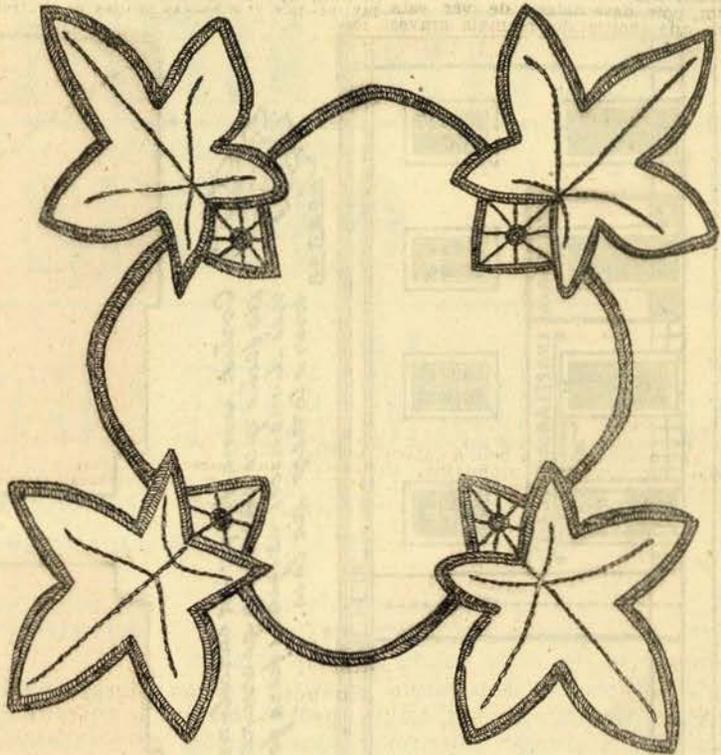
Não te digo a côr do bordado, quero que tu própria a escolhas e vê lá se mostras ter bom gôsto!

Com o linho branco em que vais fazer o teu trabalho, não será difícil harmonisar uma côr bonita.

Podes fazer as nervuras das fôlhas num tom mais escuro do que o teu bordado.

Abraça-te a amiguinha

ABELHA MESTRA



GRANDE LIÇÃO

(Continuação da 3.^a Pagina)

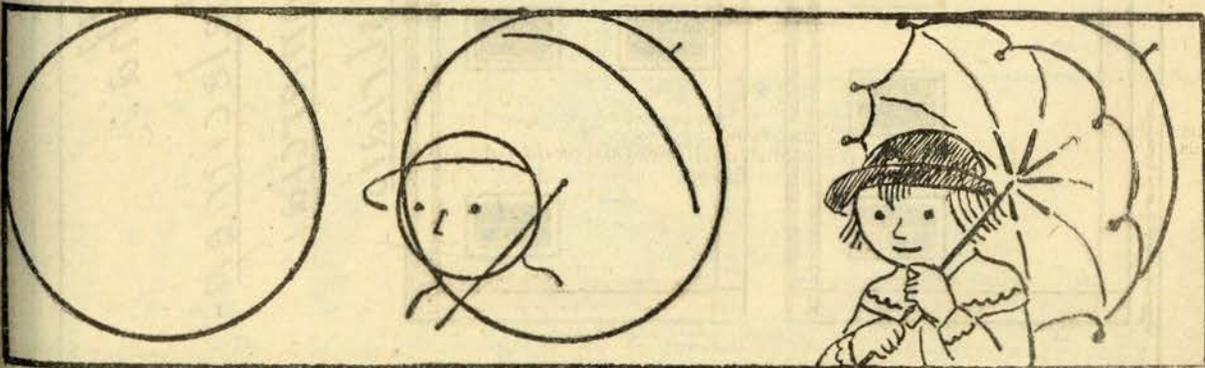
A berrar êle abalou,
à doida, numa carreira...
e a laranja lá ficou
ao pé da mãe laranjeira

que disse:— Grande lição!
Devemos muito às ortigas!
Elas são más, isso são!
mas foram nossas amigas.

Pois muita vez, afinal,
— caprichos que a vida tem!—
um bom, pode fazer mal,
e um mau pode fazer bem,

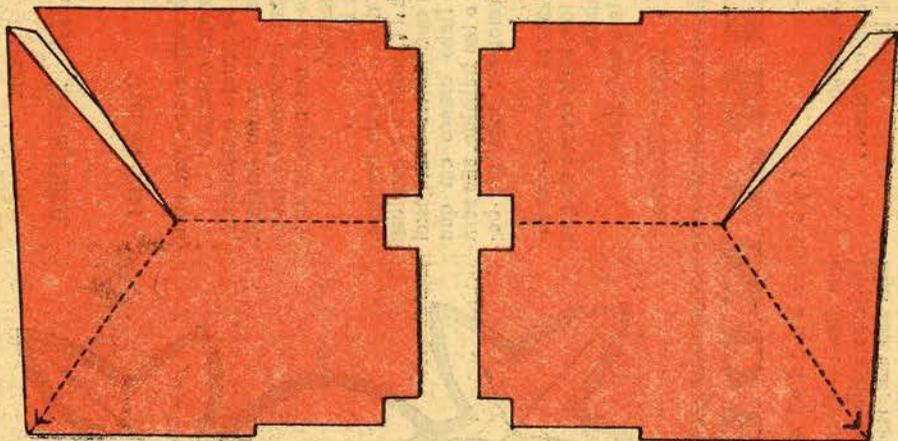
F I M

LIÇÃO DE DESENHO

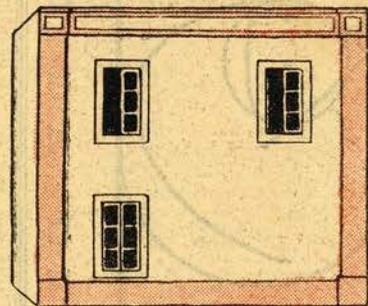


Como se desenha uma menina com um chapéu de chuva

TELHADOS LATERAIS DA CÂMARA MUNICIPAL

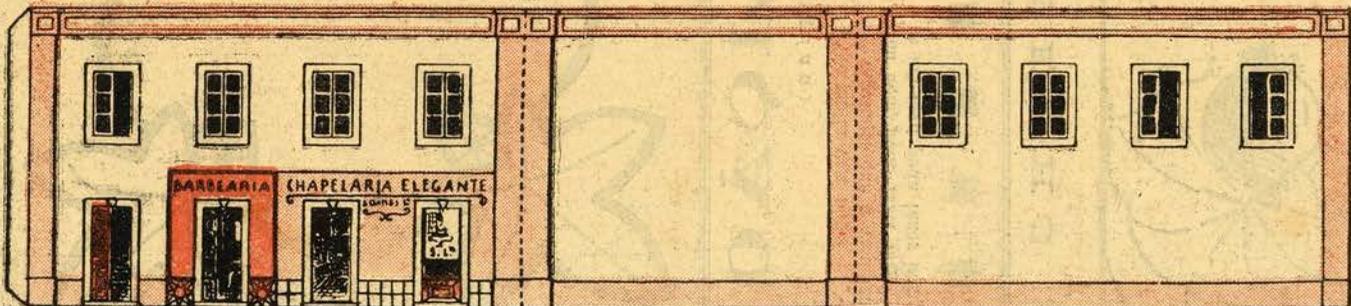


8.ª folha:
Estabelecimen-
tos comerciais
e industriais



Cortar uma peça de cartolina,
do fecho que mostra a gravura,
nas dimensões exigidas para for-
mar o telhado da casa.

No próximo n.º:
A IGREJA



Américo Salceda